



Evocação de uma personalidade de eleição e de um Amigo

Gama Brandão

“Sem trabalho o talento é apenas um fogo de artifício;
ofusca um instante mas não deixa nada.”

Roger Martin du Gard

Li na Acta Pediátrica Portuguesa, de Maio/ Junho 2010, um artigo muito bem estruturado e elucidativo do Dr. António Martins Roque, em homenagem póstuma ao Dr. José Alberto Mateus Marques. Surgiu logo, no meu espírito, a ideia de, como complementaridade, citar alguns aspectos meus conhecidos em consequência dos frutíferos anos em que convivi intensamente com esse saudoso pediatra, no Hospital de Crianças D. Estefânia.

Licenciei-me na Universidade do Porto e, depois de uma longa hesitação quanto à trajectória a seguir, resolvi especializar-me em pediatria, em Lisboa, ingressando como estagiário no Hospital D. Estefânia. O Serviço para onde fui era dirigido pelo Dr. Manuel Cordeiro Ferreira, um pediatra lúcido, actualizado, com um enorme prestígio e uma vastíssima clientela. Verifiquei que o rodeavam excelentes colaboradores, salientando-se, entre os da nova geração, o Dr. Nuno Cordeiro Ferreira e o Dr. Mateus Marques. O futuro corroborou plenamente este meu juízo de valor, porquanto vieram a nobilitar as funções fulcrais que exerceram na hierarquia hospitalar ou universitária. Transmitiram-me infindos conhecimentos, benéficos conceitos de prática clínica e reconfortantes incentivos, deles recebendo, igualmente, provas de indelével gentileza e afeição. Cumpriram as suas funções de formadores. O Professor Nuno Cordeiro Ferreira, quando catedrático e responsável pelo ensino pediátrico na Faculdade de Medicina de Luanda, teve a amabilidade de me convidar para ser um dos seus assistentes, repto que não pude aceitar por motivação familiar, pelo facto de ser o Director do Serviço de Pediatria do Hospital da Misericórdia de Guimarães e de fruir uma ampla clínica privada.

Por casualidade fui, na ocasião, indigitado para colaborar com Mateus Marques que, nessa época, frequentava o 2º ano do internato de pediatria. Celeremente me apercebi da sua inteligência reflexiva, do seu saber, do seu sentido clínico, da invulgar capacidade de argumentação, da maturidade que irradiava. Dotado de uma vigorosa personalidade, de olhar penetrante,

assertivo, determinado, de carácter ímpoluto, muito exigente com os outros e, outrossim, consigo próprio, aparentava por vezes uma expressão austera, dura, mostrando discreta afabilidade, embora no convívio prolongado demonstrasse afecto e polarizasse uma sólida e genuína estima. Defendia a imperiosidade da existência, entre nós, de um sentido crítico para se poder competir com as nações mais evoluídas. Anatematizava a mediocridade, a ausência de brio, a deslealdade.

Conheci alguns dos seus condiscípulos e contemporâneos da Faculdade de Medicina de Lisboa, com quem dialoguei sobre as capacidades do Dr. Mateus Marques e que confirmaram e aprimoraram as minhas impressões. Foi-me comunicado que no F.Q.N., como nesse tempo era denominado o 1º ano do curso médico, fez um exame extraordinariamente brilhante de Química. O Professor Pereira Forjaz, catedrático dessa disciplina e que era muitíssimo rigoroso, classificou-o com uma nota elevada e, ulteriormente, nas aulas referia-se ao ano em que deu um dezoito... A seguir, nas Anatomias, obteve 19 valores. Concluiu o curso com a média final de dezoito valores.

O Dr. Manuel Cordeiro Ferreira, em consequência da sua únívoca notoriedade e do seu dinamismo, obteve da Fundação Calouste Gulbenkian o patrocínio para, no fluir de muitos anos, conseguir a vinda a Lisboa de alguns dos mais renomados pediatras europeus, os quais permaneciam, no Hospital D. Estefânia, todas as manhãs, durante uma semana, com o desiderato de discutirem casos clínicos e de efectuarem, às vezes, à noite, na Sociedade Portuguesa de Pediatria, uma ou outra palestra. O nosso Director confidenciaria que havia quem se recusasse a anuir ao desafio por não ser previamente comunicada a patologia existente no Serviço.

Referiu-me um dos pediatras séniore que, um ano antes do meu ingresso no Serviço, existia um caso clínico assás prolixo, frustrando-se as tentativas de assunção de um diagnóstico. Um desses professores estrangeiros examinou a criança metodicamente e, aquando da discussão, asseverou tratar-se de uma artrogripose múltipla congénita, patologia que vinha descrita em escassas linhas nos livros de texto, nesse já longínquo ano de 1957. Fez-se um silêncio. Como ninguém interferiu, o novato Mateus Marques levantou-se e, surpreendentemente, impugnou o diagnóstico, justificando o seu parecer. O tom dogmático do docente tornou-se evanes-

Correspondência:

António Gama Brandão
Rua Gago Coutinho, 135
4810-032 Guimarães

cente, metamorfoseando-se em perplexidade. Como conclusão, não se conseguiu a definição exacta da doença, numa época em que pontificava a clínica, sendo restritivos os processos e instrumentos tecnológicos.

Um dia, na presença do legendário Professor Robert Debré, cujo filho, Michel Debré, (o então Primeiro Ministro de França), o Dr. Mateus Mateus expôs com fluência a história, a sintomatologia e a interpretação da doença de uma criança. Apesar dos iterativos exames subsidiários efectuados, não se atingira um diagnóstico. No final da sua intervenção, o Professor Debré comentou que, ao ouvi-lo, lhe parecia ter à sua frente um dos seus melhores internos do Hospital “Des Enfants Malades”. E não se esclareceu essa patologia, nesse momento.

Em certa ocasião, assisti à apresentação, na capital, duma interessante comunicação de um proficiente pediatra. No final, o Dr. Mateus Marques, com a sageza e argúcia consabidas, atestou que, sem a feitura de uma determinada análise, era impossível obter a conclusão anunciada. Houve uma concordância geral com esse comentário.

Este pediatra, de uma inequívoca frontalidade, apontava com civilidade aos seus superiores hierárquicos quaisquer deficiências organizativas deparadas ou algumas atitudes tomadas de que discordava. Umhas décadas decorridas, li o seguinte pensamento de Agustina Bessa-Luís: “Os que melhor adulam são os que melhor atraíam.”

Constituíra para mim um aprazimento conversar com o colega Mateus Marques, mesmo em matérias não concernentes à medicina. Divagava com subtil perspicácia acerca da saga comunitária que se vivenciava, do evolucionar deste mundo Kafkiano, dos múltiplos problemas que envolviam. Diferenciava rapidamente o fundamental do espúrio. Não demonstrava qualquer inclinação para conversas maledicentes, intrigas ou minudências que enxameiam o quotidiano do cidadão lusíada. Mia Couto anotou num dos seus magníficos livros: “A bisbilhotice é como o gafanhoto. Só desanda quando não resta mais folha para roer.”

No Serviço de Urgência, nos momentos livres, estudava com ele. Surpreendia-me a rapidez com que lia os artigos das revistas científicas estrangeiras, a argúcia com que interpretava os factos descritos, as dúvidas e críticas que alvitrava, a excelente memória que possuía.

Munindo-se do dicionário e da gramática aprendeu, sem qualquer auxílio alheio, a traduzir revistas médicas alemãs, se bem

que não soubesse, obviamente, transmitir oralmente essa língua.

Quando mobilizado para o norte de Moçambique, na guerra colonial, Mateus Marques, segundo me relatou um major médico do quadro, exerceu uma ímpar e eficiente clínica geral, num meio sáfaro de recursos técnicos. No diálogo com o Comandante do Batalhão e com outros militares de carreira, expunha planos de estratégia militar com tal clarividência que os assombrava. Eles questionavam-no se tinha frequentado algum curso versando tal matéria. O louvor que lhe conferiram no final da sua permanência em Moçambique, além de ser de boníssima qualidade, parece que ocupava algumas páginas...

Pela sua índole, por estar apreensivo com a qualidade do seu profuso labor profissional, prático e teórico, por se dedicar com profundidade às diversificadas, responsáveis e dificultosas funções que desempenhou, quer a nível dos Hospitais Cívicos de Lisboa, quer noutros sectores relacionados com a medicina ou educação, nunca procurou divulgar os seus talentos. Não se imiscuiu na política, não ingressou no meio social, nem em associações, factores que representam usualmente um trampolim não despreciando para o nome ser mais conhecido e projectado a nível nacional. Quis realizar uma obra e formar discípulos. Bem se lhe pode aplicar um pensamento de Vergílio Ferreira: “Quero ser, e não ser em projecto, que é uma forma de não ser, com alguma tranquilidade de consciência.”

Revelava uma incisiva tendência para a música e informática. Era avesso à retórica, indolente para a escrita. Posso algumas cartas suas, duas delas em resposta a dois livros da minha autoria que lhe enviei. Além de formular pertinentes comentários ao seu conteúdo, aludia com reflexividade e amplitude de visão, embora com vincado cepticismo, a eventos diversos. A última missiva recebida, em Outubro de 2008, continha várias citações em latim, facto que ele explicava: “Não representam qualquer afectação mas apenas a expressão de um dos meus actuais devaneios: procurar chegar ao fundo do latim português, procurar chegar à verdade saborosamente vernácula.”

Repasado de mágoa, no deambular destas recordações, presto homenagem à exemplaridade da sua vida, a uma das belas cerebrações que tão positivamente me influenciou ao longo da minha carreira.

Guimarães, Outubro de 2010
Gama Brandão